

# política



**Repórter Brasília**  
**Edgar Lisboa**

edgarlisboa@jornaldocomercio.com.br

## Produtor gaúcho penalizado novamente

O setor agropecuário do Rio Grande do Sul enfrenta mais um duro golpe. A China anunciou a suspensão, por 60 dias, das importações de carne de frango brasileira após a confirmação de um caso isolado de gripe aviária em uma granja comercial no município de Montenegro.

## Situação tratada com transparência

De acordo com o ministro da Agricultura, Carlos Fávaro, a situação está sendo conduzida com transparência. A expectativa é de que a normalidade seja restabelecida entre 28 e 60 dias. O ministério reforça que não há qualquer risco para a saúde da população: “os produtos inspecionados continuam seguros para o consumo, tanto no Brasil quanto no exterior”.

## Maior safra com menor rentabilidade

“A maior safra da história de grãos do Brasil é uma contradição, porque a maior safra significa a menor rentabilidade e o menor lucro, do ponto de vista da conjuntura de preços e pela ausência de políticas públicas consistentes para o agro brasileiro”, afirmou o deputado federal gaúcho Afonso Hamm (PP, foto).



VINÍCIUS LOURES/CÂMARA DOS DEPUTADOS/JC

## Enchentes, secas e enxurradas

O parlamentar lembra que, “muito especialmente no nosso estado do Rio Grande do Sul, nós vivemos três secas, uma tragédia de enchentes e enxurradas, e agora mais uma seca. E com isso, o Rio Grande do Sul tem um comprometimento de safra. Ainda é uma safra razoável, mas muitos produtores perderam 50%, 90%, e alguns chegaram a perder tudo nesta última safra”.

## Acumulando prejuízos

Na opinião de Afonso Hamm, “por isso o governo não pode alardear produção, que naturalmente representa giro, emprego”. Segundo o congressista, “isso é muito positivo, não resta dúvida, para todo o País, mas neste momento o governo brasileiro não pode virar as costas para o agro gaúcho. O agro gaúcho vem acumulando prejuízos, perdas, e o Plano Safra, o novo Plano Safra, na minha opinião, tem que contemplar o plano de safra brasileiro, um plano de socorro de safra para o Rio Grande do Sul”, assinalou o parlamentar.

## Bom pagador

Afonso Hamm acentua: “só nós gaúchos geramos 70% do arroz produzido e consumido no Brasil. Então representa o abastecimento só num produto estratégico”. O deputado argumenta: “o nosso agricultor, o nosso produtor que hoje é diversificado, ele não tem como seguir adiante se ele não tiver essa política de suporte, que é o alongamento das dívidas. Não se trata de não pagar dívidas, e, aliás, o governador Eduardo Leite mostrou, num estudo, que o gaúcho, o produtor gaúcho, o agricultor gaúcho, é o que tem a menor inadimplência em relação à securitização, em relação aos compromissos assumidos”.

## Maior safra da história do Brasil

Por outro lado, a produção de grãos no Brasil vai bem. A Companhia Nacional de Abastecimento aumentou a previsão da safra de grãos de 2024/2025 de 330,3 milhões de toneladas para 332,9 milhões de toneladas. O crescimento da área plantada e o ganho de produtividade explicam essa melhora. Se a projeção se confirmar, vai ser a maior safra da história do Brasil.

# Para Paula, a fusão do

## Entrevista Especial

**Bolívar Cavalari**  
bolivarc@jcrs.com.br

Partido com forte relevância política nos anos 1990 e 2000, tendo presidido o Brasil em dois mandatos de Fernando Henrique Cardoso (1995-2002) e eleito a única governadora mulher no RS, em 2006, com Yeda Crusius, que aliás deixou a sigla no ano passado, o PSDB está passando por uma nova fase em nível nacional e no Rio Grande do Sul. No Estado, perdeu recentemente o seu principal quadro, a partir da saída do governador Eduardo Leite para se filiar ao PSD. No País, os tucanos estão iniciando um movimento de fusão com o Podemos, que deve concretizar a formação de um novo partido no início de junho.

Para entender este momento que o PSDB está passando tanto no RS quanto no Brasil, o **Jornal do Comércio** entrevistou a presidente estadual do partido e primeira vice-presidente da executiva nacional, Paula Mascarenhas. A tucana, que atualmente atua como secretária extraordinária de Relações Institucionais do governo do Estado, lamenta a saída de Eduardo Leite, de quem é muito próxima, tendo sido, inclusive, vice-prefeita de Pelotas ao seu lado, quando o governador ainda era chefe do Executivo municipal. Não vê, entretanto, que o movimento partidário de Leite signifique um rompimento com a legenda a qual foi filiado desde que iniciou a sua trajetória política.

Para Paula, a fusão com o Podemos é uma oportunidade do partido se fortalecer e apresentar uma agenda vinculada ao centro, fugindo, portanto, das disputas mais acirradas entre esquerda e direita. Para alcançar isso terá o desafio de manter quadros na agremiação partidária que irá se formar, tendo em vista que muitos deputados e prefeitos tucanos avaliam acompanhar Eduardo Leite e sair do PSDB.

**Jornal do Comércio** - O que significa, para o PSDB gaúcho, a saída do governador Eduardo Leite? Qual o peso disso?

**Paula Mascarenhas** - Obviamente, para qualquer partido, a saída de uma liderança da qualidade, do compromisso público, da experiência do governador Eduardo Leite é claro que é um peso, é uma gran-

de perda para nós. O PSDB lamenta muito, não tem como não lamentar. Ainda mais que ele tem toda uma história no PSDB, ele foi a cara do PSDB, durante 24 anos de militância, desde que começou, na verdade, desde os 16 anos ele se filiou ao PSDB e todas as vitórias eleitorais, toda a experiência eleitoral dele até agora e toda a experiência pública foi no partido. Então, é uma perda significativa, não há dúvida. Por outro lado, nós sabemos que ele não saiu do partido por alguma desavença, por algum desacordo programático. Na verdade, ele saiu seguindo no mesmo campo, que é o centro democrático, lutando pelas mesmas causas, e guiado pelos mesmos valores e princípios. Então, a gente também entende, e respeita, na verdade, mais do que qualquer coisa, respeita a decisão. E no Rio Grande do Sul, especificamente, estamos no governo, a gente sempre fez política, e o governador defendeu a política. E, sobretudo, os acordos políticos, feitos com base em uma agenda, em um programa de transformações. E é isso que une o RS: o plano de governo que vem sendo colocado em execução e que é a liga, digamos assim, entre todos os partidos que compõem a base desse governo.

**JC** - E como o governador trata de sua saída dentro do PSDB?

**Paula** - Ele vem conversando com as lideranças do partido já há um bom tempo sobre o futuro do PSDB, sobre o seu futuro. Isso já vem desde o ano passado. Não só comigo, mas com as lideranças em nível nacional também, com o presidente (nacional do PSDB) Marconi Perillo e outros, ou seja, não foi uma surpresa, todos sabiam que ele estava fazendo essas reflexões e que havia sim a possibilidade de que ele deixasse o partido. Não era certo, ele estava com dúvidas, refletindo

profundamente. Então a gente sabia que existia essa possibilidade.

**JC** - A saída do governador está relacionada com o processo de fusão do PSDB com o Podemos?

**Paula** - Não, eu não creio. O próprio PSDB está em um processo de transição, em um processo de reflexão também, na busca por um fortalecimento justamente para poder manter esta linha que a gente defende. O governador acompanhou tudo isso, houve outras possibilidades, inclusive uma aproximação com o próprio PSD - isso eu estou dizendo porque foi público - e talvez essa aproximação pudesse estar mais de acordo com a visão do governador, tanto que ele acabou indo para esse partido. O que não significa, absolutamente, um rechaço ao Podemos, com quem o governador tem ótima relação, tanto em nível nacional, com a presidente Renata Abreu, quanto em nível estadual, já que o Podemos faz parte da sua base de apoio, tem inclusive secretarias (no governo do Estado), então é uma excelente relação. Não tem a ver com isso (a fusão), na verdade, mas talvez com outras alternativas possíveis.

**JC** - E como está avaliando este processo de fusão do PSDB com o Podemos? Acredita que é benéfico para o partido?

**Paula** - Acho que sim, acho que é benéfico, ele foi aprovado por unanimidade na executiva nacional, e eu sou a primeira vice-presidente do partido. Nós precisamos fortalecer o centro democrático, precisamos fortalecer partidos que tenham uma agenda comum. (O PSDB e o Podemos) não são iguais, obviamente, mas têm uma agenda comum, têm princípios similares, têm uma visão de Brasil, defendem justamente uma alternativa a essa polarização, e são partidos que sofreram justamente com essa radicalização dos polos

MAURÍCIO TONETTO/DIVULGAÇÃO/JC



“É compreensível que muitos pensem seguir o governador (Leite no PSD), mas a ideia é manter os quadros”